A NOÇÃO DE LIBERDADE SITUADA EM SIMONE DE BEAUVOIR: UMA LEITURA DE "O SEGUNDO SEXO"

Hillary Letícia Nochi Alberto (PIC/UEM), Wagner Dalla Costa Félix (Orientador). E-mail: wdcfelix@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Filosofia / História da Filosofia.

Palavras-chave: Feminismo; Fenomenologia; Liberdade.

RESUMO

No capítulo VI de O Segundo Sexo, intitulado "Situação e caráter da mulher", Simone de Beauvoir expõe a condição social, histórica e material da mulher, defendendo que suas características e condutas não derivam de fatores biológicos, mas da situação social a que está submetida. A partir disso, a pesquisa busca analisar como a autora articula a condição feminina à noção de "liberdade situada", em diálogo com a fenomenologia e o existencialismo. Pretende-se investigar de que forma a mulher, enquanto ser de facticidade e transcendência, foi historicamente reduzida à imanência, e como essa opressão não é efeito de uma natureza essencial, mas de uma estrutura patriarcal que limita sua liberdade.

INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa busca explorar a ideia de liberdade situada, estudada por pensadores da fenomenologia e existencialismo como Sartre, Merleau-Ponty e Simone de Beauvoir, autora que será explorada com mais profundidade nesta pesquisa. Será dado foco na obra "O segundo Sexo", publicada em 1949 pela autora francesa, buscando explorar e problematizar a condição material, histórica e corpórea da mulher como facticidade para o exercício da sua liberdade como sujeito.

No existencialismo de Sartre, entende-se que a existência do indivíduo precede a sua essência, ou seja, não há um propósito ou significado pré-determinado o qual o indivíduo deva seguir. Ele é que, primeiro existindo no mundo, dá sentido à sua vida ao escolher e tomar suas próprias decisões, conforme explica o próprio autor: "O homem, tal qual o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo" (1970, p. 3). Segundo Sartre, somos desprovidos de uma natureza humana inata e livres de determinismos, restando a nós a tarefa de criar uma essência própria. É nesse ponto, segundo ele, que está nossa liberdade. Temos em nossas mãos a possibilidade de fazer as escolhas que darão rumo a nossa vida, trazendo toda a responsabilidade do ato de ser no próprio sujeito que é.

Essa liberdade, porém, não existe no vazio. Ela colide com obstáculos do mundo como o corpo físico, o tempo histórico, a classe social e o local em que nascemos. A esse conjunto de condições reais da nossa existência se dá o nome de facticidade e é esse o ponto de partida que Simone irá usar para problematizar a situação da mulher como ser existente nesse mundo factual.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa será de caráter bibliográfico e conceitual. Serão realizadas leituras da obra "O Segundo Sexo", com ênfase no capítulo VI, além de outros textos de Simone de Beauvoir que contribuam para o esclarecimento de sua noção de liberdade, e obras conexas da mesma autora, em particular "Qu'est-ce que l'existentialisme?", de 1947, e "Por uma moral da ambiguidade", de 1947. Paralelamente, serão estudados autores fundamentais da tradição fenomenológica e existencialista, tais como Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, a fim de compreender o contexto teórico em que Beauvoir está inserida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra "O segundo sexo", Beauvoir expõe qual a situação em que as mulheres se encontravam, ou seja, quais eram essas condições materiais, sociais e históricas - qual era o ''mundo fáctico da mulher''. A autora diz que a situação da mulher permaneceu sempre a mesma com o passar do tempo e defende que condutas e características que eram associadas as mulheres pela sociedade não eram consequência de hormônios ou da sua estrutura biológica, e sim da sua situação social, fazendo uma crítica a discursos biologizantes que tentavam justificar as desigualdades entre homens e mulheres com base em supostas diferenças naturais, mostrando que o corpo existe, sim, materialmente, mas o significado e a experiência desse corpo são constituídos dentro de uma situação histórica e social.

A autora segue dizendo que é de reconhecimento da própria mulher que o mundo em que ela pertence é de dominância masculina e que os homens a subjugam e a inferiorizam, ficando claro que ela ocupa um lugar de dependência e obediência em relação aos homens. Como consequência desses fatos, temos o desdobramento de a mulher, sendo limitada na condição de esposa, mãe, e a responsável pelos afazeres domésticos dentro de ser lar, não emergir e não viver como um sujeito, ou seja, não viver como alguém que exerce sua liberdade e suas vontades próprias.

Simone mostra que o que resta para a mulher desse processo todo é a obediência e o respeito, já que ela não tem poder ou domínio sobre essa realidade opressora que a cerca. O universo não se apresenta a mulher como cheio de possibilidades e oportunidades, mas sim como um processo exaustivo e cansativo de resistência para poder existir e ocupar seu espaço.

Seguindo por essa lógica, Simone explica algumas características que eram associadas as mulheres, e cabe aqui retomar dois conceitos importantes para o entendimento da obra. Primeiro o conceito de transcendência, que pode ser

entendido como a capacidade de ir além do que se é, de se transformar, do sujeito conseguir se projetar num futuro, de escolher, e claro, de assim poder exercer sua liberdade efetivamente como autor da sua própria história. O outro conceito é de imanência, que representa o oposto do conceito anterior, ou seja, é o ato de permanecer no que já é dado, como uma repetição e estagnação, onde o ser humano não consegue se projetar para além da sua realidade.

Para a autora, a mulher se encontra no segundo caso, como alguém que não se projeta e que não vê no futuro uma realidade diferente do seu presente. Até o homem mais conservador e tradicional sabe que a mudança e a evolução das coisas são inevitáveis e claramente possíveis, sendo um processo natural da existência. A mulher, no entanto, não tem essa mesma visão: o tempo para ela não representa a mudança ou a criação das coisas, mas sim uma infinita repetição do seu passado, e em consequência desses fatores é que surgem as famigeradas características associadas a mulher: ela se apega aos serviços domésticos pois vê o seu valor naquilo que faz, e não naquilo que é. Se apega as coisas pequenas, ao cotidiano, aos bens e as coisas supérfluas por não ter acesso as coisas que estão além dessas. Ela suporta todas essas coisas porque não acredita que sua realidade possa ser diferente dessa em que ela foi colocada.

A autora mostra que todo o meio social da mulher a condiciona e a incentiva a permanecer nesse lugar, como por exemplo a cultura, com as rádios, livros e jornais que reforçavam a ideia de que a mulher deveria permanecer nesse lugar de submissão em relação ao homem, aceitando e perdoando traições e rejeições. Ela acaba se colocando como um objeto de desejo, mas não digna de cuidado e amor, fortalecendo o pensamento patriarcal de dominância masculina.

A mulher, por nunca ter experimentado a sensação de ser livre, não acredita na sua própria libertação. Mas Simone cita que, quando é dado a mulher a possibilidade de exercer os mesmos trabalhos e funções que o homem, ela tem um desempenho tão bom ou por vezes melhor, mostrando mais uma vez que o lugar que a mulher foi colocada não é em consequência de uma natureza própria, mas sim de uma condição que foi imposta a ela, ou seja, de um mundo factual que condiciona sua liberdade como sujeito.

CONCLUSÕES

Simone mostra, através da obra *O Segundo Sexo,* que a situação da mulher não é consequência de uma natureza ou escolha sua, e sim de uma imposição social resultante desse mundo factual em que ela vive. A mulher, em oposição ao homem, não transcende e não vive como um sujeito livre na sociedade porque a ela foi negado esse direito, não porque não seja capaz, e sim para manter uma estrutura de dominância masculina.

Essa estrutura social que condiciona a liberdade da mulher como “o outro”, e não como o sujeito, pode ser observada com muita clareza ainda hoje, mesmo com várias conquistas feministas. Um exemplo é o conceito do androcentrismo, prática que se refere a valorização do ponto de vista, das experiências e dos valores masculinos como centro da análise de uma cultura ou sociedade, deixando de lado

pontos de vista femininos. Caracterização dos sintomas de algumas doenças, doses de medicamentos, experimentos para segurança de veículos e espaços e objetos levando em conta peso, altura e vivências somente masculinas são exemplos simples e cotidianos que demostram essa prática.

Podemos ver, segundo essas análises, como a ideia de universalidade e igualdade do ser humano se encontra limitada por realidades e especificidades materiais e históricas que perpassam a mulher, e que não se apresentam da mesma forma ao homem. Porém, como foi inicialmente conceituado na noção de sujeito livre em Sartre, não nascemos com uma definição ou essência pré-determinada. O ser é um constante vir a ser. É uma autoconstrução que, apesar de ter suas limitações no mundo real fáctico, não é estática e é passível de transformação. Logo, essa realidade que impede a mulher de transcender e ser sujeito - e não um “outro” – é, e deve, continuar sendo exposta e contestada para que sua situação não seja limitada por escolhas de outros, e ela possa, assim como ocorre com o homem, transcender e escolher como o sujeito essencial que é.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UEM pela oportunidade de realização deste trabalho e pelo suporte institucional. Ao meu orientador, Prof. Dr. Wagner Dalla Costa Félix, pela confiança ao aceitar a orientação desta pesquisa e pela dedicação e ensinamentos partilhados ao longo do projeto.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, S. Qu'est-ce que l'existentialisme? **France-Amérique**, 29 juin 1947. p. 1, 5.

BEAUVOIR, S. **Por uma moral da ambiguidade**. Tradução de M. J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. (Trabalho original publicado em 1947).

SARTRE, J.-P**. O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Rita. C. Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005.